

Aula 10

A LÍNGUA PORTUGUESA NA TRANSIÇÃO ENTRE IDADE MÉDIA E RENASCIMENTO: BASES DO PORTUGUÊS MODERNO

META

Apresentar o período do português médio, que antecede o Renascimento português.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
levantar as características principais do português médio;
reconhecer os movimentos culturais pré-renascentistas que influenciam o português escrito
do período em questão;
e identificar o processo nascente de latinização da língua portuguesa.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre a constituição do léxico português: fatores interculturais e lingüísticos.

Antônio Ponciano Bezerra

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, vimos os elementos lingüísticos na formação do léxico românico. Já esta aula enfoca o período que corresponde, conforme a sugestão para fases históricas do português proposta pelo professor Celso Cunha, à segunda etapa do português arcaico que se refere ao momento que cobre a segunda metade do século XIV e vai até a primeira metade do século XVI, espaço, aliás, denominado de português médio. Este espaço de tempo representa a passagem (transição) entre a Idade Média e o Renascimento português.



Celso Cunha, professor e filólogo brasileiro (Fonte: <http://www.filologia.org.br>).

TRANSIÇÃO

Por volta da segunda metade do século XIV, a lírica trovadoresca galaico-portuguesa desaparece. A própria expansão do reino português para o extremo Sul da Península Ibérica favorece ao deslocamento também do centro de convergência cultural e lingüístico. A essa altura, o português já há algum tempo se acha separado do galego, alçando, assim, à categoria de língua autônoma de um país independente, com fronteiras políticas e lingüísticas firmes e com uma capital (Lisboa) como a sede da coroa (corte)

portuguesa. Agora, a área geográfica mais importante do reino situa-se num espaço delimitado entre Coimbra, ao Norte, Évora, ao Sul, e entre essas duas localidades, acha-se Lisboa, a sede do reino, residência privilegiada do rei. Assim, como observa o historiador e filólogo francês, Paul Teyssier:

... o eixo Lisboa-Coimbra passa a formar então o centro do domínio da língua portuguesa. É, pois, a partir dessa região, antes moçárabe, que o português moderno vai constituir-se, longe da Galiza e das províncias setentrionais em que deitava raízes.

O PORTUGUÊS MÉDIO

Vimos acima que o galego começa a se separar (isolar-se) do português durante o século XIV, época em que se inicia o florescimento da prosa histórica em Portugal e que se estende e se adensa pelo século XV, em diante. A partir de 1418, quando D. Duarte (1391-1436) nomeia Fernão Lopes (viveu mais ou menos entre 1378-1459) para as funções de guarda-mor, da Torre do Tombo. Inicia-se, pois, daí a época do Humanismo, em Portugal. Este movimento cultural e estético termina em 1527, com o retorno do poeta Sá de Miranda à sua pátria, procedente da Itália renascentista, trazendo novas idéias culturais, artísticas e literárias bebidas nas fontes do Renascimento italiano.

Fernão Lopes estava à frente do grande e importante arquivo histórico português (a Torre do Tombo), aliás, arquivo nacional situado na torre do Castelo de Lisboa (Tombo), daí o nome da referida torre. Hoje, ocupa uma parte do Convento de São Bento (Lisboa) e encerra documentos do mais alto valor histórico e literário. Com Fernão Lopes, a prosa historiográfica ganha um espaço nobre e foros de nascente cientificidade antes não experimentada. O próprio D. Duarte (rei de Portugal), ao nomear Fernão Lopes cronista-mor do reino, incumbem-o de escrever a crônica histórica dos reis da primeira dinastia portuguesa (Crônicas dos reis D. Pedro I, de Portugal, D. Fernando e D. João I).

A ênfase dada, nesta aula, ao cultivo da prosa historiográfica portuguesa, dessa época (crônicas), justifica-se pelo fato de ser a prosa (mais que o verso) a base de sustentação, de registro e de consolidação escrita de um dado padrão lingüístico, aqui especialmente ou especificamente do padrão lingüístico da língua portuguesa.

Este gênero histórico-literário, gênero crônica, prossegue firme nas mãos de cronistas como Gomes Eanes de Azurara, Rui de Pina, o próprio D. Duarte (sobretudo em sua prosa doutrinária), e, mais adiante, no Renascimento português, em pleno século XVI, com João de Barros, que representa o amadurecimento da prosa (crônica) historiográfica portuguesa.



D. Pedro II (Fonte: <http://www.psg.com>).

Neste percurso de tempo, convém ressaltar três momentos especiais e de importância decisiva para o enriquecimento (estabilização) do português médio como estágio lingüístico sólido e firme na direção ao português renascentista (moderno): a) ascensão do humanismo em Portugal, destacando aqui a figura do rei português D. Duarte, escritor de inegável originalidade, defensor das letras e da língua portuguesa, e autor de uma obra célebre “Leal Conselheiro” que, entre outros ensaios que abriga, vamos encontrar referências curiosas sobre o modo como a língua portuguesa, da época, deveria funcionar; b) a eclosão da poesia palaciana, a partir dos meados do século XV, que se segue à decadência da poesia lírica galaico-portuguesa. A poesia, que nesse momento desponta, firma-se sob a influência da poesia espanhola, daí a abundância, como veremos, de trocadilhos lingüísticos e de figuras de estilo, metáforas - sobretudo exageradas - bem ao sabor do gosto literário castelhano da época. Data desta fase, portanto, a primeira leva considerável de vocábulos espanhóis carreados para o léxico português. Aí também têm início os primeiros ensaios de bilingüismo praticado por inúmeros escritores portugueses que insistem em escrever nos dois idiomas: o português e o castelhano. Essa moda atinge os poetas do “Cancioneiro Geral”, de Garcia de Resende, tal como se estuda na literatura portuguesa dessa fase. Ora, a moda de também se escrever em castelhano chega ao Renascimento português, inclusive praticada por poetas nobres e até vernaculistas como Sá de Miranda e Luis Vaz de Camões; c) a atividade teatral desenvolvida,

produzida e encenada pelo dramaturgo português Gil Vicente, que serve de “divisor de águas” entre a Idade Média e o Renascimento, em Portugal.

Retomando, para melhor detalhamento, cada um dos três momentos referidos acima, em relação ao primeiro desses momentos, merecem destaque as idéias lingüísticas do rei português D. Duarte, naquilo que concerne aos seus “conselhos” relativos ao uso corrente, na época, do português e ao seu esforço, nesse mesmo espaço de tempo, para elevar a língua portuguesa à dignidade de língua culta, nobre, clássica. Para tanto, introduziu, como adiante veremos, um conjunto de termos eruditos oriundos da língua latina clássica, antecedendo, assim, ao movimento intelectual de latinização das línguas vulgares que eclode e se adensa a partir do Renascimento europeu.

Em relação aos “conselhos” de uso lingüístico propostos por D. Duarte, vale recorrer a uma passagem de sua obra maior, o “Leal Conselheiro”, abaixo transcrita:

Da maneira pêra bem tornar alguma leitura em nossa linguagem (...) que se ponham palavras que sejam direita linguagem, respondentes ao latim, não mudando umas por outras, assi que onde el disser per latim “escorregar”, não ponha “afastar”, e assi em outras semelhantes, entendo que tanto monta uma cousa como a outra; porque grande deferença faz pera se bem entender, serem estas palavras propamente escritas. (...) não ponha palavras que segundo o nosso costume de falar sejam havidas por desonestas (...) guarde aquela ordem que igualmente deve guardar em qualquer outra causa que se escrever deva (...) que escrevam cousas de boa sustância, claramente, pera se bem poder entender, fremoso o mais que ele puder, e curtamente quanto for necessário. E pera esto aproveita muito paragrafar e apontar bem.

Antes de iniciar essas recomendações (que são muitas), D. Duarte faz uma advertência: “Porque muitos que são leterados não saber treladar bem de latim em linguagem, pensei escrever estes avisamentos para ello necessários”.

A fim de melhor compreensão desse “ensinamentos gramaticais” pioneiros de D. Duarte, segue-se o significado de alguns itens lexicais do texto acima transcrito: linguagem: isto é, língua portuguesa; avisamentos: conselhos, normas; tornar: verter; nem doutra linguagem: entenda-se palavras estrangeiras. Para o professor Segismundo Spina, que nos fornece esta explicação dos itens lexicais, D. Duarte é “o primeiro a revelar um sentimento de vernaculidade”, em relação ao português. E mais:

El: isto é, o autor; apontar: pontuar; leterados: sábios, eruditos, instruídos; treladar: traduzir, verter.

Esta preocupação de D. Duarte de sugerir uma forma lingüística ao invés de outra lembra-nos o trabalho da baixa latinidade conhecido como uma das fontes mais importantes para o estudo de latim vulgar: o Appendix

Probi, tratado gramatical atribuído a Valério Probi, que viveu em meados do século I d.C. Nesse tratado, várias formas lingüísticas aparecem seguidas de correções do tipo: diga “masculus” e não “masclus”; “cálida” e não “calda”, “viridis” e não “viridir”, “cithara” e não “citera”, e muitos outros vocábulos com recomendações de pronúncia correta. É nesse sentido que alguns ensinamentos do rei D. Duarte se aproximam das orientações do referido “appendix”.

O segundo momento que merece realce, dessa fase do português médio, como já nos referimos acima, remete ao período da poesia palaciana que se situa entre a segunda metade do século XV e o início do século XVI. Esta atividade poética que floresce com os saraus das cortes de D. Afonso V (1438-1481) e D. João II (1481-1495) integra a famosa coletânea conhecida como o Cancioneiro Geral, de Garcia de Resende, publicado em 1516. Então, em um ambiente palaciano, emerge a poesia quatrocentista, muito diferente da de ambientação trovadoresca que era de feição mais popular. Trata-se, agora, de uma poesia mais refinada, aristocrática, atraente e de métrica mais rica, menos espontânea e totalmente influenciada pela poesia castelhana: o castelhanismo da época. São quase trezentos poetas, dentre os quais, mais ou menos, uns trinta escreveram em castelhano, dando margem a uma espécie de modismo que influencia todo o movimento Renascentista.

Para muitos estudiosos dessa fase histórica, a essência do ideário do Cancioneiro Geral tematiza: a) orgulho pela importância de Portugal no mundo novo; b) valorização da elegância e da finura no trato; c) o amor e a morte; d) sofrimento e melancolia. Do ponto de vista estilístico, nota-se a presença de paradoxos, paralogramas e agudezas engenhosas. Esses aspectos lingüísticos cultivados revelam as tendências da língua literária da época. Sirva-se de exemplo o poema “Cantiga sua partindo-se”, de João Ruiz de Castelo Branco:

Senhora, partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos,
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.

Partem tão tristes os tristes,
tão fora d’esperar bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

COMENTÁRIO SOBRE O POEMA

Como podemos observar, a linguagem do “Cancioneiro Geral”, exemplificada com este poema de Castelo Branco, já nos mostra uma aproximação quase definitiva em relação ao português moderno. No entanto, alguns vocábulos merecem uma consideração à parte: a) “ nenhuns”, embora muito raro, é o plural de “nenhum” (nenhumas), e, ainda, ocorre em escritores modernos como no poeta romântico português João de Deus: “Em olhos sei de uns,/Que desde que os vi,/Não vi mais nenhuns”, e em Machado de Assis: “Algumas trazem poucas emendas ou nenhumas”. A palavra “saüdade” (soïdade), com trema no /ü/, como era uso na língua portuguesa da época, não só na sua de substantivo, mas também no adjetivo “saüdosos”, era assim grafada para que fosse emitida em quatro sílabas e não em três, como hoje recomenda a gramática normativa. Em “cem mil vezes”, temos um exemplo de sinédoque – figura de linguagem em que o número determinado (cem) está pelo interminado “mil”; e, ainda, na segunda vez que aparece a palavra “tristes”, que representa “olhos”, num efeito expressivo que se espalha por todo o poema; a expressão “esperar bem” significa “esperar felicidade” como ainda hoje se diz: “Como vai?” – “Eu vou bem”, isto é, feliz, com felicidade. Assim, os recursos estilísticos e expressivos se multiplicam já nesta fase da língua.

Na seqüência, vamos agora para o terceiro momento (ou marco) desse período (do português médio) que remete à dramaturgia portuguesa representada pela figura de transição entre a Idade Média e o Renascimento: **Gil Vicente** (1465 ou 1475 a 1536 ou 1540). Trata-se de um autor bilíngüe (português e espanhol), como era o costume literário e intelectual de sua época. A sua fonte maior de inspiração literária se encontra no poeta e músico castelhano Juan Del Encina, personalidade artística muito conhecida na corte portuguesa. Das églogas desse autor espanhol, Gil Vicente extraiu temas para os seus **autos** pastoris, movimentados e pautados na observação direta dos costumes, mentalidades, linguagem e folclore dos camponeses. Ao lado desse universo de inspiração temática, Gil Vicente buscou outras influências em comédias, romances de cavalaria, moralidades religiosas, fantasias alegóricas, narrações bíblicas, entre outras possibilidades.

Para dar conta desse vasto universo temático, Gil Vicente dispõe de um domínio lingüístico (sociolingüístico) extraordinário que o caracteriza como um uso lingüístico intencionalmente enriquecido de variantes, isto é, as mesmas palavras aparecem na sua forma arcaica e na sua forma moderna (para a época), nas formas populares e na forma da corte, na pronúncia portuguesa e na pronúncia hispanizante e até em forma mista, num fraseado latino popularizado pela escola e pelos ofícios religiosos. A esse respeito, vejamos uma passagem de “Romagem de agravados” – auto partoril de sua autoria:

Ver glossário no final da Aula

Colopêndio Nam sey se sey o que digo,
que cousa certa nam acerto;
se fujo do meu perigo,
cada vez estou mais perto
de ter mor guerra comigo.
Prometem-me huns vãos cuydados (ilusões)
mil mundos favorecidos (favores amorosos)
com que seram descansados (apaziguados)
e eu ach'os todos mudados
em outros mundos perdidos (as ilusões
desfazem-se).

Já nam ouso de cuydar (preocupação
amorosa),
Nem posso estar sem cuydado;
mato-me (esforço-me) por me matar
(causar mal)
onde estou nam posso estar
sem estar desesperado.
Parece-me quanto vejo
tudo triste com rezam:
cousas que nam vem nem vam (vão),
essas sam as que desejo,
e todas pena (sofrimento) me dam.

Observações: que, no segundo verso, é porque, conjunção causal; nam... serem... rezam... vam... sam... dam..., com terminação am que passou depois a ão; mor: maior, ainda hoje presente em formas como guarda-mor, capitão-mor; há aliterações (recursos estilísticos) motivadas por: “sey se sey”, “nam vem nem vam” que dão efeito poético a esses versos; há, ainda, jogo de antíteses em todo o texto como “cousa certa não acerto”, “se fujo... estou mais perto..”, “onde ouso de cuydar,/nem posso estar sem cuydado” e “onde estou não posso estar”. Esses recursos demonstram ou retratam o padrão culto da linguagem da corte portuguesa da época, uma espécie de estilo precioso muito em voga na época. Desses recursos, há inúmeros exemplos no referido “Cancioneiro Geral”.

CONCLUSÃO

Acompanhamos a evolução da língua portuguesa, desde os primeiros documentos ainda escritos em latim bárbaro (latim dos notários medievais) até o florescer da poesia lírica trovadoresca, que chega a meados do século XIII. No entanto, esse ideal lingüístico-literário não resiste ao esforço político dos reis portugueses, daí em diante, preocupados já com a idéia de navegação e de conquista ultramarina.

A prosa histórica e didática que então surge, através de tratados que abordam assuntos práticos e morais, como a montaria, a preparação da milícia, os problemas filosóficos, as orientações gramaticais para uso da língua nacional, respondem melhor às exigências de uma mentalidade nova que se desenvolve no decorrer do século XIV e XV.

Assim, a nova mentalidade se sedimenta sob a influência da poesia de língua espanhola que ocupa os espaços palacianos (corte) e já chama a atenção pelo floreio lingüístico raro, sofisticado e artificioso, enfim, diferente das práticas lingüísticas anteriormente registradas.

Na fase de transição entre o português médio e o português moderno, aparece a figura do teatrólogo Gil Vicente, cuja linguagem representa, de maneira inequívoca, a passagem entre o padrão lingüístico medieval e o português renascentista, latinizado e codificado.





RESUMO

Do século XIII ao século XVI, vimos que a língua portuguesa apresenta etapas históricas que se prestam a uma divisão de estilos e estágios, mais ou menos, distintos: a) a etapa de ascensão do humanismo, em Portugal; b) a etapa da emergência da poesia palaciana; c) a etapa que marca o ápice da dramaturgia lusa, com os autos de Gil Vicente.

Cada uma dessas fases traz (ou apresenta) características lingüísticas peculiares que demonstram a ação evolutiva da língua portuguesa em direção ao denominado português moderno, como vamos tratar na aula seguinte.

Na segunda metade do século XV, inicia-se, na língua portuguesa, um processo de recepção de “estrangeirismos” proveniente, sobretudo, das línguas espanhola e italiana (são os castelhanismos ou hispanismos e os italianismos). Essa recepção é motivada pela densa relação política, social e cultural entre Portugal e Castela e ainda por força da eclosão dos ideários renascentistas. A forte influência hispânica em Portugal vai favorecer ao predomínio de um bilingüismo difuso que se soma ao influxo renascentista, irreverente e renovador, e vai contaminar toda a corte portuguesa da primeira metade do século XVI.



ATIVIDADES

1. Como posso indicar (destacar) as características do galego-português, a partir dos primeiros documentos escritos de que se têm notícia em Portugal?
2. Como se dá a separação entre o galego e o português? Como essa fase de transição se documenta?
3. Na fase denominada de “português médio”, que fatores lingüísticos externos aí interagem?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Já falamos anteriormente sobre o conteúdo das atividades acima, no entanto, convém ressaltar que a documentação sobre o galego-português é rara e se revela engraçada em vários textos escritos em latim bárbaro. Ao contrário do “português médio”, com influências lingüísticas estrangeiras abundantemente documentadas.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, José Jobson de. **História antiga e medieval**. São Paulo: Ática, 1977.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Padrão Editora, 1975.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1976.
- CUNHA, Celso. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FE-NAME, 1972.
- LOYN, H. R. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- MASSAUD, Moisés. **A literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Coleção Europa-América, 1983.
- SPINA, Segismundo. **Presença da literatura portuguesa I**. Era medieval. São Paulo: DIFEL, 1969.

GLÓSSARIO

Auto: Designa uma peça teatral breve, de tema religioso ou profano, em circulação durante a Idade Média, equivalente a “ato” que integrava um espetáculo maior e completo, daí o apelativo que recebeu: auto. Durante o século XV, o espanhol Juan Del Encina desenvolveu essa modalidade teatral que chegou a Portugal, em 1502, influenciando Gil Vicente, bastante visível em sua representação de o “monólogo do Vaqueiro” ou o “Auto da Visitação”.